

Caminhar, olhar, registar: da paisagem como experiência*

"Wherever you go, there you are", he said whenever someone asked him if we were lost yet." Rebecca Solnit

Qualquer caminho se faz de encontros e desatenções.

Decalcamos para os caminhos que encetamos os traçados de todos os caminhos que anteriormente percorremos, sabendo que jamais repetiremos experiências prévias e que, ainda que lá voltemos, jamais voltaremos a deparar-nos com o mesmo caminho nos mesmos lugares. Encetamos cada jornada vendo e não vendo, atentos e cegos, envoltos e despegados.

Embora um gesto vagamente inglorio, registar as formas da experiência (uma qualquer experiência) permite, quem sabe, a ilusão de contrariar a sua impossível fixidez, a sua condição de evanescência que permanentemente nos assola e deslocaliza. Por isso, e assim, se tornam tais gestos a expressão de uma dada poética. Mas já lá vamos!

Rebecca Solnit, no seu *Wanderlust, A History of Walking*, diz que "caminhar é, idealmente, o estado em que a mente, o corpo e o mundo se alinham" (2014: 5). Das peregrinações místicas às migrações forçadas, passando pela deambulação novecentista e a deriva situacionista, caminhar é provavelmente um dos actos mais significantes na história da humanidade. A história do caminhar implica, por isso, a religião e a política, o prazer e a estética; mas em todas as suas diferentes ocorrências, caminhar, dando forma a sentidos identitários e culturais, a construções sociais ou a descobertas pessoais, determina sempre uma relação profunda e tripartida entre o indivíduo, o território e o tempo.

Mas para além das implicações da construção capitalista dos territórios - globalizante, como se diz - que exerce uma pressão desmesurada sobre cada indivíduo na sua relação com o mundo... com a montanha, a fronteira, o deserto, (e até com o mar, sobre o qual não se caminha a não ser figurativamente); para além daquela construção, dizia, existe a possibilidade de um gesto de minúcia instaurar um campo imenso em que se projectam múltiplas experiências sobre as paisagens com que nos relacionamos. Esta minúcia é a *poiesis*, ou seja, o gesto que revela.

A mobilidade corpórea, em especial se prescindir de um dispositivo (motorizado ou não) que a amplie ou altere, tem um impacto profundo e directo na forma de experienciar o entorno e a si próprio. Os passos precisam de tempo, sentem o terreno, soam em conformidade, aguentam o corpo.

Descrições de caminhadas são frequentemente tingidas de ficção ou de uma inevitável construção subjectiva, e ela é subjectiva porque diz respeito ao sujeito e ao seu posicionamento num dado momento e num dado espaço. Ela é subjectiva porque não há outra palavra para dizer que tal construção não pode ser objectiva, isto é: ser sem erro. Como poderia, uma descrição de um lugar não ter erro, se o erro é precisamente o que dela emana a cada instante? O erro do registo do tempo, do desajuste da imagem, da omissão da presença. Por erro entenda-se formas de *pentimento* em vários meios: fotografadas ou desenhadas, recortadas, retro-iluminadas, em mime-se ou por obliteração.

E chegamos finalmente ao benefício do olhar. Para o olhar e pelo olhar se formou uma espécie de paisagem que antes não existia, embora estivesse lá. Para o olhar se enquadrou uma ideia de campo que antes era apenas onde não estava o céu. E desde aí deixamos de ser para a paisagem apenas meros habitantes, passamos a ser também espectadores. Foi uma contradição, terrível e maravilhosa ao mesmo tempo, que se instalou, e que, separando o olhar do corpo, aquele deixou suspenso e a este susteve a respiração! A regra estava criada, plano primeiro castanho, segundo verde, ao fundo azul. E depois, com as derivas, a paisagem já não precisava de ser apenas paisagem, podia ser palimpsesto, podia ser mil coisas em simultâneo, podia ser um lugar para nos perdermos.

Mas como há, em todos os lugares, uma camada não vista: um conjunto de sensações, uma corrente de ar que traz um cheiro, o tempo de um silvo, um solavanco que sacode os membros, uma tremulação de memórias... um lugar nunca é igual a outro a não ser por via da evocação, e uma qualquer imagem de um lugar é sempre, mas sempre, uma forma de filtro.

Falta-me falar da repetição... como um passo a seguir ao outro, um rio igual a si próprio, um som repetido em timbres diferentes, e porque há em todos os lugares muitos outros lugares, só pela repetição podemos tentar que cada lugar de nós se separe para poder pertencer a outrem.

Por isso, agora, finalmente, nestes conjuntos de obras, se liga o olhar com a experiência. Neles encontramos, liberta, a experiência do lugar que manteve os artistas cativos, libertos os trabalhos da tirania de um medium, liberto o observador para uma deriva *by proxy*.

Gabriela Vaz-Pinheiro
Fevereiro, 2018

* Por opção autoral este texto não segue o último Acordo Ortográfico.